

Resenha de “Formação das cidades e a burguesia”

O texto “Formação das cidades e a burguesia” é o sexto capítulo do livro “As cidades na Idade Média”, o autor Henri Pirenne estuda a vida urbana da Idade Média nos seus aspectos econômicos, sociais, culturais e outros, das populações medievais da Europa. Henri Pirenne foi um historiador belga, nascido em 1862 e falecido em 1935, teve uma influência decisiva na historiografia contemporânea. Foi professor da Universidade de Gand. Interessado pelo estudo da Idade Média, fez numerosas investigações sobre a desagregação da sociedade senhorial, a gênese da economia urbana e da burguesia. Consagrou-se ao estudo socioeconômico da Idade Média. As suas grandes obras são: *História da Bélgica*; *As Antigas Democracias dos Países Baixos*; *As Cidades da Idade Média*; *Mahomet e Carlos Magno*. Agora, adentrando no texto, o autor no início do primeiro parágrafo faz a seguinte afirmação: “Em nenhuma civilização a vida urbana se desenvolveu independentemente do comércio e da indústria”. (PIRENNE, 1989, p.109). Agora, me atendo das palavras do autor Henri Pirenne indago o seguinte: Mas afinal, falar de “indústria” na Idade Média (sécs. XI-XIII) é o mesmo que falar de indústria na Europa (sécs. XVIII-XIX)? Seria o mesmo sentido de indústria em dois tempos diferentes? Porque a primeira é tipicamente artesanal e a segunda é tipicamente mecânica. Ressaltando que apesar de a produção ser predominantemente artesanal, países como a França e a Inglaterra, possuíam manufaturas. As manufaturas eram grandes oficinas onde diversos artesãos realizavam as tarefas manualmente, entretanto subordinados ao proprietário da manufatura. As oficinas medievais são por vezes equiparadas ao ambiente fabril que se instalou com a Revolução Industrial, no século XVIII, porém, podemos ver que as oficinas medievais foram uma primeira etapa do processo de complexificação da economia européia que, séculos mais tarde, se configuraram sob a hegemonia das indústrias. Ora, a Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra na segunda metade do século XVIII e encerrou a transição entre feudalismo e capitalismo, a fase de acumulação primitiva de capitais e de preponderância do capital mercantil sobre a produção e, mais ainda tomemos muito cuidado para não representar na cabeça do simples leitor uma falsa idéia de indústria contemporânea ao qual vemos hoje no século XXI! Mas afinal, o que existia nesse período medieval ainda de formação das cidades e da burguesia era de fato uma indústria? Segundo Le Goff (1990, p.11), “A revolução comercial, de que a cristandade medieval foi o teatro entre os séculos XI e

XIII, está ligada a alguns grandes fenômenos relativamente aos quais é difícil discernir em que medida constituíram causas ou efeitos”. Então, partindo do pressuposto que a “revolução comercial burguesa cristã” se desenvolvera nos séculos XI e XIII (aproximadamente), o autor Henri Pirenne deixou de fora a prudência, pois, o mesmo fala de “indústria” de forma geral e, não especificou em que nível de desenvolvimento “industrial” estavam as cidades se pré-fábrica ou fábrica? Dessa forma, um simples leitor sem o alto nível de estudo em História que é tipicamente trabalho do historiador poderia preentender a “revolução comercial burguesa cristã” com o entendimento de indústria contemporânea, sendo portanto um generalismo exacerbado por parte do autor Henri Pirenne no tocante ao sentido de “indústria”. Um simples leitor ao fazer a leitura sobre a “formação das cidades e a burguesia” de autoria de Henri Pirenne correrá sempre o risco de representar mentalmente uma indústria tipicamente contemporânea com seus processos industriais de larga escala, máquinas automáticas, etc. Para efeito de restaurar o sentido da “indústria” medieval faz-se imprescindível a utilização das palavras de Jacques Le Goff:

Daí, a predominância na Europa medieval de dois mercadores: o italiano e Hanseático, com os seus domínios geográficos, os seus métodos, as suas personalidades próprias. E, entre estes dois domínios, uma terceira zona de contacto, cuja originalidade está em que, à sua função de trocas entre as duas áreas comerciais, acrescenta desde muito cedo uma função produtora, industrial: É a Europa do Noroeste - Sudeste da Inglaterra, Normandia, Flandres, Champagne, região do Mosa e do Baixo-Reno. Esta Europa do Noroeste é o grande centro manufactureiro de panos, é - com a Itália do Norte e do Centro - a única região da Europa medieval relativamente à qual se pode falar de indústria. (LE GOFF, 1990, p.12).

Então, vê-se claramente nas palavras de Jacques Le Goff que a “indústria” medieval se tratava de uma organização menos complexa e, mais simples com produção feita de forma artesanal, porém, controlada pelo proprietário da manufatura, em suma, eram grandes oficinas onde diversos artesãos realizavam as tarefas manualmente! O autor Henri Pirenne faz um relato um tanto dogmático e perigoso quanto às fontes das cidades:

Só a partir do século XI é que começam a fornecer conhecimentos um pouco mais abundantes. Quanto às fontes de origem urbana, quer dizer, escritas e compostas por burgueses, não existem nenhuma que sejam anteriores ao fim do século XII. É-se, portanto, obrigado, haja o que houver, a ignorar muito, e constrangido a recorrer muitas vezes, no apaixonante estudo da origem das cidades, à combinação e à hipótese”. (PIRENNE, 1989, p.117).

Porém, no meu exercício de historiador, as fontes escritas são tão passíveis de incertezas quanto às outras fontes quaisquer que sejam elas. As fontes escritas de Lívio, Dionísio e Plutarco chegou até nós, na melhor das hipóteses, em “terceira mão”, passando primeiro pelos “velhos escritores” e, depois, pelos “escritores menores”. Ora, um historiador contemporâneo, estudioso das fontes de um tempo longínquo, sabe que por mais que se tenha em posse uma série de documentos escritos, estará sempre em um dilema quanto à veracidade dessas fontes escritas. Segundo o próprio autor Henri Pirenne:

A historiografia dos séculos X e XI desinteressou-se completamente dos fenómenos sociais e económicos. Exclusivamente redigida por clérigos ou monges, media naturalmente a importância dos acontecimentos pela que estes apresentavam para a Igreja. A sociedade laica só solicitava a sua atenção enquanto em relações com a sociedade religiosa. Não podiam esquecer a descrição de guerras e conflitos políticos que exerciam a sua repercussão sobre a Igreja, mas como podiam ter o cuidado de notar as origens da vida urbana para a qual a compreensão não lhe fazia menos falta do que a simpatia?”. (PIRENNE, 1989, p.116).

Então, o que se pode concluir é que a Igreja buscando o prestígio institucional não poderia omitir registros ou falsificar documentos? E, somados com os interesses religiosos é realmente possível afirmar que tais escritos datados a partir do século XII são verdadeiros e dignos de compreensão tal como se sucederam no tempo e no espaço? Como disse anteriormente, os acontecimentos perpassaram em um passado longínquo e, agora, mais essas possibilidades que me baseio nos fatos reais que a Igreja tinha esse poder de criar a sociedade à sua vontade. Logo, é legítimo afirmar mais uma vez que as

fontes escritas são tão passíveis de incertezas quanto às outras fontes quaisquer que sejam elas.

Resenha de: Bruno Antônio Morais de Almeida, discente do 4º semestre do Curso de História pela Universidade Federal da Bahia - UFBA - Barreiras.

Referências

PIRENNE, Henri. As cidades na Idade Média. Cap. 6. “Formação das cidades e a burguesia”. Portugal: Europa-América, 1989, p. 109-136.

LE GOFF, Jacques. Mercadores e banqueiros da idade média. Cap. 1. “Atividade profissional”. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.11-33.